

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

PROTESTO

DA

COMMISSÃO PROMOTORA DO MONUMENTO A PIO IX O GRANDE

CONTRA OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS DE ROMA

Quando o presente protesto chegar ao conhecimento dos leitores do *Progresso Catholico*, terá chegado tambem aos pés de Sua Santidade Leão XIII, como um brado erguido aqui, n'esta terra que teve a honra de vêr um filho seu occupar dignamente a cadeira de S. Pedro, e que foi a primeira onde se proclamára a liberdade e independencia da patria; brado que, eccoando no coração do Nosso Santissimo Padre, lhe dará a certeza de que em peitos portuguezes arde ainda o santo amor da fé que animou nossos antepassados aos maiores commettimentos, e que os animará ainda, se tanto fór preciso, a dar o seu melhor sangue pela causa da Igreja, que é a causa da humanidade.

A redacção do *Progresso Catholico*, publicando em suas columnas o seguinte protesto adhire a elle com todas as veras de sua alma tendo-o como seu proprio protesto contra os barbaros, selvagens, e estupidos attentados de que fóra testemunha a cidade eterna na noite de 13 de julho e no dia 7 de agosto, e pede aos seus leitores que lhe enviem suas adhesões para que, publicando-as, torne conhecido do mundo que Portugal, em meio da descrença que o esphacella tem ainda milhares de corações que protestam contra os insultos arremessados pela canalha á memoria do maior vulto do presente seculo:

SANTISSIMO PADRE:

Contra a incredulidade arrazoada e cortez de adversarios leacs, se é possivel havel-os, hoje em dia; contra o erro dos que se illudem de boa fé e contra todos os descaminhos do pensamento que não procura deliberada e systematicamente subtrahir-se á verdade, tem o ensino pontifical a sua palavra infallivel, tem o genio catholico as suas immortaes apologias, tem a caridade christã a sua imperturbavel placidez e a sua paciencia vencedora; mas contra o odio e as desatinadas paixões de uma demagogia feroz que chega a descomedir-se até á brutalidade do attentado selvagem, sordido, sangrento, ha só a indignação do protesto, ardente como o grito da honra e da dignidade humana ferida na propria face; terrivel como um estigma; perpetua, severa e implacavel como a historia.

Foi esta a indignação que rompeu em protestos de toda a consciencia catholica e até da consciencia de todos os homens que ainda não perderam o sentimento do seu valor moral e racional, quando lhes veio a noticia das brutaes injurias e acções proferidas e praticadas na noite de 13 de julho de 1881, na cidade eterna, em plena civilisação christã, contra fieis inoffensivos, contra as pessoas sagradas da Igreja e contra as venerandas cinzas d'Aquelle que foi a Honra do genero humano e a mais alta gloria da Italia, alem de ter sido a mais augusta e benefica personificação da autoridade e o centro luminoso para o qual gravitavam todos os espiritos que se movem na esphera do bem e da verdade.

E' esta, tambem Santissimo Padre, a indignação, este, o protesto que nós, filhos submissos da santa Igreja Catholica e desta terra de Guimarães que foi berço da monarchia portugueza, queremos depositar, por escrito aos pés de VOSSA SANTIDADE; e não só por escrito, mas tambem queremos eleva-lo á altura de um monumento, perpetua-lo em marmore e desaggravar, desta arte, quanto nos é possível e permitido, o decora da Santa Sé e a memoria immortal do grande Pontifice Pio IX iniquissimamente ultrajada.

Assim com este intuito, constituídos em commissão, assentamos comnosco e resolvemos definitivamente levantar uma estatua A'quelle Grande Pontifice no alto da serra chamada de Santa Catharina, a qual, junto desta cidade, ao nascente, se ergue pujante e graciosa, da exuberancia de uma vegetação ridente e opulentissima, até á gravidade austera e nua do granito. Fica-lhe, mui poucos kilometros, á vista, o monte chamado do Sãmeiro donde se eleva, triumphante, a formosa estatua da IMMACULADA CONCEIÇÃO.

Para a consecução final desta empreza, temos empenhado toda a actividade do nosso zelo, temos vencido todas as resistencias, temos crido, com uma tenacidade invencivel, na boa vontade dos catholicos portuguezes e, Graças á Divina Providencia, o grande concurso das adhesões que nos veem de toda a parte, não só nos alenta sobremaneira, se não que nos prova, ineluctavelmente, que nunca, em tempo algum, será infecunda a energia que se aviva no entusiasmo dos grandes pensamentos e das grandes obras.

Apesar, porem, de todo o nosso ardôr e de todas as adhesões e bemquerenças que a nossa projectada obra tem podido inspirar, forçoso nos foi convencer-mos de que alguma cousa faltava ainda essencialissima e de que, sem ella, não bastavam trabalhos, adhesões e recursos de qualquer especie.

Assim como a planta cultivada pelos desvélos do homem não póde crescer e florir sem o sol de Deus, assim tambem nos convenceramos de que a nossa obra não poderia prosperar e chegar á plenitude do seu desenvolvimento, sem a Benção d'Aquelle que representa soberanamente na terra a Luz do mundo e o Sol dos espiritos—JESUS CHRISTO, NOSSO DIVINO SALVADOR—e que actualmente governa a Sua Igreja com este incomparavel esplendor de virtude e sabedoria que tem feito a admiração de todas as nações e a alegria e felicidade de todos os povos christãos.

E' por isso que, com o mesmo fervor de devoção com que beijamos os pés de VOSSA SANTIDADE, perante os quaes, levamos este protesto escrito, como um testemunho irrefragavel da nossa fé e do nosso amor filial ao PAE COMMUM dos fieis, com esse mesmo fervor pedimos, supplicamos, exoramos VOSSA SANTIDADE para que Ella se digne abençoar esta empreza, á qual nos havemos consagrado com toda a vivacidade do nosso querer, com toda a effusão dos nossos corações e com o desejo vehementissimo de dar gloria a DEUS e honra e homenagem e testemunho de gratidão e admiração ao Seu Grande Servo, ao INSIGNE, ao VIRTUOSO, ao PRECLARO, ao IMMORTAL PIO IX.

Guimarães em Portugal 24 de agosto de 1881.

Presidente—O Arcipreste Antonio Manoel de Mattos.

Vice-presidente—Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima.

Secretario—Padre Antonio José Ferreira Caldas.

• —Padre Antonio Ferreira d'Abreu.

• —Padre Antonio Affonso de Carvalho.

Thesoureiro—Antonio José Ferreira Caldas.

• —José Ferreira d'Abreu.

Vogaes—Reitor João Antonio Vaz da Costa Alves.

Antonio Martins Pinto da Cunha.

Antonio Joaquim de Mello.

Lucinio Fernandes da Trindade.

José Antonio Teixeira de Freitas, editor, e director do
Progresso Catholico.

Sebastião da Costa Vieira Leite, presbytero, addido
á commissão promotora.

SUMMARIO:

Protesto da Comissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande, contra os ultimos acontecimentos de Roma —SALVE, IRLANDA!, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Tratado da Religião em Geral*, Cap. II, V. de P. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem-macaco* (conclusão), pelo Padre F. Sanches.—SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao marquez de Pombal, VII*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *A meu pae*, poesia, por Joaquim Pestana; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo* (continuação), pelo P. F. Gay, tradução do P.ª Lima.—SECÇÃO ARTISTICA: *O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX*, pelo P.ª Alfredo Elviro dos Santos (IV).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande.*

GUIMARÃES 13 DE SETEMBRO DE 1881

SALVE, IRLANDA!

Estou na Irlanda. Obrigado, meu Deus! Ha muito, muitissimo tempo que anhelava visital-a e que fazia conta de viver n'ella que não fosse senão algumas semanas.

Desde o dia vinte e oito de julho que pizo o solo da catholica Hibernia. Não é possível convencer-me de que estou n'um paiz estrangeiro; a lingua diz-me que sim, a fé diz-me que estou entre os meus. Se esta, de facto, constitue uma patria moral, não sei que possa estar mais na minha patria que sob o ceu da fiel Irlanda, a martyr trez vezes secular da sua fé.

Os limites de um artigo de fundo são apertados de mais para n'elles caberem as notas que tenho tomado e as considerações que me seria facil fazer acerca d'ella. Todavia, o que me não seria agora facil seria escrever sobre outro assumpto. não só porque tenho o pensamento cheio das gratas impressões que o conspecto de tudo quanto me rodeia em mim produz, como porque de ha dois mezes a esta parte, ou desde que sahi de Portugal, que não tenho recebido noticias algumas sobre o nosso rincão da Peninsula. Ignoro se já depois da minha sahida d'ahi a columna barometrica da imprensa accusa melhor ou peor estado da atmospheria, relativamente aos interesses da causa catholica. Proseguem os nossos circulos de Lisboa? Que resultados practicos produzem? Vinga a idea da União? Espero que breve saberei algo a este respeito.

Como já percorri Dublin, seus monumentos e esplendidos jardins botanicos (onde ha florestas artificiaes da America), Kilarney e os seus lagos, ora risinhos como uma paisagem do Rheno, ora de um sublime severo e quasi horrivel como os despenhadeiros dos Alpes, ora tranquilos como um cristal, ora revoltos como um golpho agoutado pelos ventos e escachoando embravecido contra as quilhas que lhe fendem o seio, Cork e o seu formoso rio Lee, Wiclou

e as suas *sceneries* mais suaves que o piuel de Dolci, seria natural e convidativo, tanto para mim o escrever sobre tudo isto como para o leitor o desejar ler-me sobre taes assumptos.

Pois não o farei.

Direi do mais util e instructivo, pondo inexoravelmente de banda o mais agradavel. O dicto, dicto.

Se a Irlanda é notavel entre as ilhas britannicas pelo lado da natureza, como o attesta assaz a sua archeologica denominação de *green Erin* (verde Erin), e de *Emerald* (esmeralda) do Oceano, mais notavel é ainda sob o aspecto das suas profundas crenças o vida christã, da sua inabalavel adhesão á cadeira de Pedro. Ao passo que as suas irmans do archipelago, renunciando ao credo dos seus primeiros apostolos prelibavam as novas doutrinas de um dogmatisador delirante, ella, a constante Irlanda, abraçada com a fé de S. Patricio, seu primeiro evangelizador, tem sabido soffrer com uma intrepidez propria dos heroes um longo martyrio religioso e politico que mais depressa cançou o algoz que a victima, sem jamais permittir que o protestantismo lhe rasgasse a orla sequer da tunica do seu baptismo, até que a voz do immortal O'Connell vingou proclamar no parlamento inglez a emancipação da sua patria. E a fé de Irlanda, longe de arrefecer com os tempos e com o exemplo da Inglaterra e Escocia dissidentes, parece depurar-se e aviventar-se mais e mais no crysol das provações. O fervor dos primeiros christãos, que não passa hoje de uma pagina historica edificante, superiormente traçada pela penna de Fleury, é aqui um facto actual, patente.

Eu sabia isto, mas queria vel-o, apalpal-o, sentil-o.

Porque? Precisava de vel-o e sentil-o.

Quando por espaço de mezes e de annos se tem vivido no ambiente de uma sociedade tão derrancada pela influencia do scepticismo e do sensualismo como o é a portugueza (o que sei ser assaz evidente para que se me não tome isto á conta de desamor patrio), quando poreja de tudo quanto vos cae nas mãos, do livro, do folheto, do fasciculo, do jornal, alguma cousa de ve-

nenoso como a negação de Deus e da moral, quando paira nos ares um como substractum d'esses dois agentes—scepticismo e sensualismo—que vos penetra, a pezar vosso, pelos olhos, pelos ouvidos, por todos os poros, na rua, na praça, na loja, no hotel, na locomotiva, nas relações sociaes, e vos força d'alguma sorte a perguntar senão felizmente a assimiliar esses principios deleterios que communicam á alma o frio da virtude e o gelo da fé, por ultimo, quando vedes em baixo o cynismo calumniando a innocencia, perseguindo o mais sagrado dos direitos, o direito a Deus, e em cima a indifferença letargica a permittir tudo, invade-vos cedo ou tarde um aborrecimento mortal, e com elle chega a necessidade de variar por algum tempo de atmospheria, para heber um ar mais puro, e divertir a vista do spectaculo desolador de um paiz, que foi Portugal.

Não sou eu só que o sinto.

Muitos são aquelles, penso, que leem estas observações minhas com aquella sympathica attenção de quem em si tem experimentado os mesmos sentimentos, a mesma nostalgia da fé, a mesma tristeza resignada de um estado de cousas que poz o rubor na face de todo o homem não já christão, mas simplesmente honesto.

Pois eis o grande motivo porque eu demandei a Irlanda. Procurei-a como o arabe procura o oasis contra o suão calcinante.

Graças a Deus que me vejo em pleno catholicismo.

Viva a Irlanda de O'Connell, viva o povo christão por excellencia!

Aqui, sob um governo aliás protestante, florecem, como nos Estados-Unidos todas as corporações religiosas e gozam da mais completa liberdade. Aqui o governo nem tem medo ao frade, porque lhe confia a juventude ingleza, os hospitaes e as prisões, nem se julga com o minimo direito a prohibir que meia duzia de homens se ajuramentem perante Deus para viverem unidos e servir a sociedade. O governo inglez teria uma semelhante lei coercitiva por uma violação da consciencia e da liberdade humana. Aqui o espirito de impiedade é totalmente desconhecido e a pureza

dos costumes da mocidade mal pode ser crida no seculo em que vivemos. A propria atriz é muitas vezes uma mulher que canta na vespera em um theatro, mas que sente a consciencia bastante pura para ir commungar no dia seguinte.

Reservo para o proximo numero o quadro (necessariamente) synoptico dos costumes do povo irlandez, porque já vai longo este artigo, mas desde já de claro que seria sensivelmente penalizado se os leitores suspeitassem haver a menor *exageração* no que deixo dicto e me faço cargo de dizer sobre o mesmo assumpto. Nada asseverei nem hei de asseverar sem provas e testemunhos de todo o ponto capazes de satisfazer o criterio do homem sensato.

De resto, a perpetua florescencia do catholicismo na Irlanda só deve regozijar e edificar, mas não espantar. Além de que o fermento revolucionario ainda aqui não penetrou como em Portugal e outras nações, importa notar o seguinte. O martyrio que de ha tantos annos ella tem soffrido pela sua fé, a rivalidade sempre subsistente entre o catholicismo e o protestantismo n'esta ilha britannica, as tradições religiosas e de pundorosa orthodoxia que de paes a filhos vão sobrenadando intactas, o zelo encendrado com que um clero exemplarissimo as fomenta pelo exemplo e pela palavra, fazem com que a fé seja como innata ao irlandez e com que a religião constitua não só a sua vida, mas a sua *paixão dominante*, o fundo do seu caracter civic, a mais accentuada feição da sua phisionomia moral, o seu lema patrio, o seu brazão mais querido. Ser irlandez e catholico para elle é uma e a mesma cousa, porque a sua causa como povo está identificada na historia e na realidade viva com a sua causa como crente, e como crente que continua a accender a luz da fé á velha lampada da Igreja.

Cork, dia da Assumpção de Maria.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR. BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do n.º anterior)

«A Roma antiga offerecia o facto portentoso de se passarem quinhentos e vinte annos sem um divorcio, e de ahí podemos affoitamente concluir que os adulterios, cautelosamente occultos, seriam raros...

«Uma tal raça era de molde para conquistar o mundo. Mas eis-que *com a religião nupcial se foi tambem o pudor*; e aquelles mesmos homens, as proprias mulheres que tinham assombrado o mundo com o bello espectáculo de sua castidade, espantal-o-hão por causa de sua torpeza.» (1)

E perguntamos agora: será historia do passado ou do presente, o que nos offerece este auctor, na pagina brilhante que acaba de ler-se?...

Foi assim no passado, succede o mesmo no presente, será egualmente no futuro e sempre, logo que seja posto de parte o elemento religioso. Secularisar o matrimonio é destruir sua propria natureza. N'esta sociedade é tudo superior ás limitadissimas forças do homem; o poder que ella confere, os direitos que outorga, os deveres que impõe.

Quem ha de conceber a união de dois seres racionais, com o fim de procrear seres tambem racionais e immortaes, sendo uma tal sociedade rebaixada ao nivel dos contractos de compra e venda? Hão de os paes ter sobre os filhos a necessidade auctorizada para a boa educação, quando forem procural-a ao magistrado civil?

Ha-de a esposa encontrar nos artigos do Codigo, que ouviu ler na repartição publica, a fonte de paciencia, abnegação, sacrificio e força indispensaveis para se desempenhar da ardua missão de mãe, educadora e esposa?

Que é licito pois concluir de quanto fica exposto? «Que, bem pezados todos os argumentos, a unica e solida base da santidade do matrimonio, de sua unidade, pureza e indissolubilidade está na religião verdadeira, isto é, na Igreja Catholica, faltando a qual nada ha que a possa substituir.»

Mas é conveniente ir ainda um pouco mais adiante; e se temos visto e ponderado o que é o *casamento civil* e suas tristissimas consequencias no meio da sociedade e da familia, bem como o grave delicto dos que ousam contrahil-o e as severas penas ecclesiasticas em que incorrem, saibamos agora onde ir achar a fonte impura d'este mal e de seus desastrosos progressos nas sociedades modernas.

Vêde a arvore para conhecer o fructo.

O espirito de rebellião, que tem dominado sempre no mundo, soprado por Satanaz, tomou ha trez seculos tal incremento, que para não ter derrubado tudo quanto lhe offerece resistencia, foi mister que a rocha firme da Igreja catholica ahí estivesse. Luthero levantando o estandarte da guerra no seio

do catholicismo, atacou seus dogmas, sua divina constituição, seus sacramentos, suas cerimoniaes. Investindo com o matrimonio apeou-o do throno em que Jesus Christo o collocara, tirou-lhe, ou para dizer melhor, negou-lhe a dignidade de sacramento, e assim o fez descer á cathogoria de um simples contracto, que desde então só pelos poderes seculares devia ser regulado

E' verdade que os pseudo-reformadores quizeram em certo modo attribuir o matrimonio á instituição divina, fundando-se nas passagens da Escripura que tambem são fundamento para nós, como já foi ponderado; é verdade que cercaram este acto de certos ritos e cerimoniaes apparatusas até, considerando-o assim como uma coisa sagrada; porém nem por isso deixaram de o proclamar um contracto humano e dependente da auctoridade civil e politica, não só em quanto ás pessoas, mas até mesmo em quanto á sua celebração.

Será mais uma prova evidente da perenne e flagrante contradicção da seita, que, por andar divorciada da verdade, desmante as theorias na pratica, como é facil de vêr com pasmosa frequencia.

Calvino, por exemplo, chama ao matrimonio uma feitura divina, como qualquer outra coisa terrena, como uma arte ou officio. «Não basta, para chamar-se ao matrimonio sacramento, que elle provenha de Deus, pois tambem d'elle provem a agricultura e a arte sutoria e nem por isso são sacramentos.» (1)

A maioria dos auctores protestantes ensina abertamente que as causas matrimoniaes são da competencia do poder civil, e um d'elles escreveu uma longa dissertação no intuito de demonstrar o *direito dos principios protestantes sobre os matrimonios ecclesiasticos.* (2)

Segue-se a opinião de que o matrimonio é um mero contracto natural e civil, e por isso mesmo deve cair todo inteiro sob a alçada dos principes seculares.

Vieram logo as leis para attenuar ou destruir a firmeza do matrimonio, arrancando-lhe o caracter de perpetuidade e até de unidade.

Vieram logo as nupcias a serem celebradas promiscuamente, ou perante os seus ministros ou perante os magistrados, como se apenas da lei civil tirassem toda sua força.

Vieram logo os mais futeis e ridiculos pretextos tomar a cathogoria de causas superiores para justificar o divorcio, e com elle a polygamia, não só a successiva, mas até a simultanea,

(1) Proudhon. «De la justice dans la Revolution et dan l'Eglise ix. 19.»

(1) Instit. Lib. iv cap. xix, § 34.

(2) Bohemero.

da qual ha exemplos, aconselhados e defendidos por varios de seus doutores, e nomeadamente pelo proprio Luthe-ro. (3)

Alguns juizes tem chegado a confessar «que são frequentes nos tribunaes as causas instauradas por bigamia e até trigamia, consequencia necessaria da doutrina estabelecida em opposição á da Egreja catholica. (4)

Mas nos dois primeiros seculos, após o estabelecimento do protestantismo, mal se fez sentir esta sua doutrina no meio dos catholicos, porque era ainda vivo entre estes o espirito da fé, era muito pronunciada a separação das duas communitades, e tanto assim que nem os theologos fazem menção em seus tractados de tal especie de casamento, o que sem duvida fariam se houvesse qualquer tentativa n'este sentido por parte ou no seio da familia catholica.

Mas no ultimo seculo os incredulos alargaram muito seus arruiaes, e depois, auxiliados pelos cummunistas e socialistas, deram rude batalha a toda a organização social, procurando derribar quantas instituições teem sustentado e regido os povos no decurso dos seculos.

(Continúa).

TRATADO DA RELIGIÃO EM GERAL

CAPITULO II

Da necessidade da religião

(Continuado do n.º antecedente)

X

Além de que, ou o homem ha de achar a felicidade na religião, ou ha de encontrá-la nos bens que lhe offerece a philosophia fóra de toda a religião. Ora, esses bens não podem evidentemente fazer a nossa ventura; não

(1) E' por demais conhecido o facto succedido logo ao alvorecer da reforma com o Landgrav de Hesse, Philippe, que recebeu a permissão de tornar a conservar duas esposas conjuntamente; porém nos seculos seguintes ha numerosos exemplos, mas basta apenas citar um, quasi contemporaneo. Frederico Guilherme II, rei da Prussia, repudiando sua esposa Isabel de Brunswich, tomou em logar d'esta uma filha do principe de Hesse. Depois, sem meamo repudiar esta, recebeu a condessa Woss, mas ainda não satisfeito, sendo vivas não só a primeira repudiada, como as outras duas, foi tentado a tomar uma quarta: e porque se lhe levantassem escrupulos consultou os pastores evangelicos, os quaes entenderam não dever recusar-lhe esta graça! Avegrado — Theoria del Matrimonio.

(2) Weekly register, 29 march 1856.

podem encher o vasio da nossa intelligencia, nem satisfazer os appetites do nosso coração. Que verdades nos traz, de facto, a philosophia? Que vantagens nos offerece, que deveres nos prescreve, que premios tem para a virtude? Piedade! não a interrogueis a respeito da nossa origem, da nossa natureza, do nosso destino; não lhe pergunteis qual é a razão que distingue o bem do mal moral; qual é a fonte dos nossos deveres; nem o que é a virtude e muito menos qual é o premio d'ella. Não vos responderia senão com duvidas, incertezas ou contradicções: quantos philosophos, tantos systemas ácerca de todas as verdades mais importantes para o homem. «Consultei os philosophos, diz Rousseau; folhedei os seus livros, examinei as suas diversas opiniões; a todos encontrei soberbos, affirmativos, dogmaticos até mesmo no seu presumido scepticismo, não ignorando nada, não provando nada, criticando uns aos outros; e este ponto, commum a todos, me parece o unico em que todos teem razão. Triumphantos quando attaccam, faltalhes o vigor defendendo-se. Se lhes pezarde as razões, vereis como elles só as teem para destruir; se lhes contardes as vozes, vereis cada um reduzido á sua; não se concertam senão para disputar (1).

XI

Quereis ouvir um auctor muito mais antigo? Eis o que diz Luciano: «No estado da ignorancia e perplexidade (em que eu estava a respeito da origem do mundo), pensei não haver melhor meio que recorrer aos philosophos. Persuadido de que eram elles os depositarios das verdades e de que me tirariam das minhas duvidas, dirigi-me aos que me pareceram mais habéis. Ajuzei do merecimento d'elles pela gravidade do exterior, como pallidez do rosto, longura das barbas, signaes, a meu vêr, infalliveis da profundeza e subtiliza de seus conhecimentos. Entreguei-me pois nas mãos d'elles; e depois de convencionado o preço das lições, que não era nada modico, quiz me instruissem primeiro nas novellas que elles nos contam a respeito do que se passa no céo e me dissessem como é que elles podem haver-se na explicação da ordem estabelecida no universo. Qual não foi o meu espanto, quando os meus doutos mestres, longe de me tirarem da minha primeira incerteza, me abysmaram n'uma escuridão mil vezes maior! Todos os dias me aturdiam os ouvidos com estes termos bombasticos: *principios, fins, atomos, vacuo, materia, forma.*

E o que mais insupportavel era para

(1) Emilio.

mim, era que, ensinando-me cada um d'elles precisamente o contrario do que os outros me tinham dito, me exigisse não confiasse senão n'elle, e me inculcasse o seu systema como o unico verdadeiro e bom (1).» Havia de ser pois condição nativa do homem, o aspirar com ardor inexprimivel ao gozo do verdadeiro, sem nunca poder discernir o erro da verdade? Não; o homem ha pois mister de recorrer á religião, unica que pôde tirá-lo de todas as suas incertezas, e obter-lhe para o espirito aquella paz, aquelle socego e contentamento, sem o que não ha felicidade possível para elle.

XII

Será a philosophia mais capaz de satisfazer ás necessidades do nosso coração? Qual das theorias do soberano bem (2) imaginadas pelos philosophos adoptará ella como mais adequada para obter a felicidade do homem? Por mais que ella diga, ha de fazer consistir a felicidade na gloria, ou nas honras, ou nas riquezas, ou nos prazeres dos sentidos. O systema dos estoicos, que a fazem consistir na insensibilidade ás dores do corpo e da alma, é contra natureza; tambem não é o systema dos philosophos modernos, que não se mostram menos sensiveis que o vulgar aos soffrimentos, ás affrontas, ás contradicções, ainda mesmo as mais legitimas. Ora, nem a gloria, nem as honras, nem as riquezas, nem os prazeres sensuaes, podem corresponder ás necessidades do nosso coração, nem fazerem-nos felizes. Não é a gloria, porque poucos são os que a alcançam; não são as honras, porque poucos são tambem os que as obtem; não são as riquezas, porque ainda menos são os que chegam a possuil-as. Em fim, não são os prazeres dos sentidos, já porque a maior parte não tem meios de entregar-se a elles, já porque ninguem pode dar-se a elles sem cair n'uma desordem tão contraria ao bem-estar physico como ao bem-estar moral do homem.

XIII

Far-se-ha consistir o soberano bem no conjuncto d'estas suppostas vantagens? Mas então quem poderá, n'este mundo, aspirar á felicidade, ao seu fim ultimo? Fóra d'isso, interrogai um a um os homens dados aos prazeres, os ricos do seculo, os grandes, esses que chegaram ao fastigio das honras e da gloria; interrogai os que gozam de todos os bens que o homem pode possuir cá na terra; perguntai-lhes se são felices.

(1) Dialogo dos mortos.

(2) Varrão contava duzentos oitenta e oito systemas ácerca da felicidade.

zes, se estão satisfeitos, se estão contentes; responder-vos-hão todos: Para ser feliz seria necessario estar exempto das enfermidades humanas; seria necessario não morrer: o simples pensamento da morte faz-nos mil vezes mais infelizes que aquelles que nada teem a perder morren-to. Dir-vos hão, com o rei Salomão: Vaidade das vaidades, e tudo vaidade; *vanitas vanitatum, et omnia vanitas*; ou com o imperador Severo, elevado do posto mais baixo das fileiras do exercito ao throno dos Cesares: Fui tudo e nada vale nada; *omnia fui, et nihil expulit*. Não é então nos bens d'esta vida, que passa como a sombra, que se esvai como o sonho matutino, que havemos de procurar a felicidade do homem; achá-la-hemos só na religião, a qual nos põe em communição com Deus, objecto da nossa intelligencia e do nosso amor, e nos dá a prelibação da felicidade infinita, eterna, inalteravel, que ella promette aos que lhe forem fieis até o fim.

(Continúa).

V. de P. P.

Secção Scientifica

O HOMEM-MACACO

(Conclusão)

É certo porém que eu não me impuz a ingrata missão de a viva força estragar o paladar apurado dos leitores do «Progresso Catholico», offerecendo-lhes indefinidamente um fricassé mal cosinhado de homem-simia.

Vou por isso pôr o remate a esta serie de artigos, reservando-me para em outra occasião tratar algumas questões, que mais ou menos prendem com esta.

Mas concedamos primeiro a palavra ao distincto professor do lyceu do Porto, o sr. Augusto Luso, o qual no seu bem elaborado «Compendio de Geographia» traduz perfeitamente o nosso pensamento.

«O homem, como sér organizado, pertence ao reino animal.

Teve um pai e uma mãe; começa pequeno e cresce até certo limite; sente a fome, a sede e as dores; dorme e satisfaz-se; alimenta-se e fortalece-se; reproduz-se, decae, enfraquece e morre.

Como sér intelligente, fórma um reino à parte, o *reino hominal*, em que se confundem as classes, as ordens, as familias e os generos, ficando só a especie.

O homem participa, portanto, dos animaes, mas não é só animal; bem como os animaes participam dos vegetaes, emquanto ao plano geral da vida, mas não são só vegetaes.

Este plano, que liga os vegetaes aos animaes, liga os animaes ao homem. Mas, se os animaes se separam dos vegetaes pela superioridade da sua organização, locomoção, sentimento e relações de amisade, ou inimisade, d'uma para com os outros, e pelos meios de comunicação etc., a sua historia é brevissima, podendo escrever-se apenas, n'uma pagina de papel, ficando escripta para sempre.

Mas o homem separa-se dos animaes, não só, pela sua fórma magestosa e organização admiravel, adequada a tudo e para tudo, mas pela linguagem da voz articulada, pelo seu pensar, pelos sentimentos de amisade e de amor, pelas paixões vehementes, pelo conhecimento do bem e do mal, do bello, do sublime, do arrependimento, da emenda, do desejo de saber, da indagação, da satisfação dos conhecimentos, da imaginação, da invenção, do desenvolvimento e aperfeiçoamento, da esperança da immortalidade e do desejo de outra vida, das crenças religiosas, da sociedade commum de todos, e da sua historia, emfim, tão duradoira como elle, cujos volumes não têm limites; historia sempre nova, porque o homem é sempre novo, porque o homem é o progresso.»

É, pois, evidente que o homem, possuindo caracteres proprios, essenciaes e exclusivos, não pode descender de nenhum outro ser que não seja o proprio homem; porque os animaes sendo absolutamente privados d'esses caracteres, não podiam dar-lhe aquillo que não tinham.

E na verdade, Deus, na sua infinita sabedoria, não permittiu transição possível entre o reino animal e o reino humano, mundos distinctos, posto que relacionados.

Eis pelo menos o que dizem bem alto a observação e a experiencia de milhões dadas com a razão e o senso-commum.

E é contra estes eloquentes ensinamentos que a anthropologia materialista quer fazer valer a sua dilectissima hypothese da nossa descendencia simiana, concepção puramente imaginaria e gratuita só digna de viver longa vida no risonho paiz das chimeras!?

Louco empenho! que bem provaria a rematada doudice de certos *sabios*, se a paixão que os cega não fóra a unica causa desvirtuadora dos brilhantes talentos d'alguns.

E não se diga que é o nosso orgulho que se revolta contra a hypothese materialista sobre a genese do homem.

Não; é a verdade calcada impudentemente aos pés que protesta contra uma doutrina que só tem em vista apagar da face do homem os traços bem vizi-

veis do cinzel do artista divino, e reduzir-nos ao estreito circulo da animalidade pura, fazendo tabua rasa das mais nobres faculdades do nosso espirito.

Todavia é para mim de fé, que a humanidade, emquanto tiver *divos dedos de sensu commum*, jamais descera à baixaza de preferir uma theoria que pretende fazer de nós os congenereos do mono, só com o fim de se dispensar da intervenção d'um Creador, a verdade incontestavel de que o homem é obra de Deus omnipotente, o qual por um acto da sua infinita bondade nos fez à sua imagem e similhaça.

Julgo-me, pois, auctorizado a pregoar alto e bom som:

Homens da materia e do nada! a vossa causa está julgada.

O imponente e supremo tribunal da opinião publica, considerando que não pode abdicar a sua prerogativa mais indeclinavel—o bom senso—condemnavos em ultima estancia.

P.º F. SANCHES.

Secção Historica

O monumento ao marquez de Pombal

VII

Variemos um pouco de assumpto. Deixemos as infames execuções que tanto sangue espalharam pelas paginas da nossa historia durante o *reimdo* do marquez de Pombal, e vejamos os actos da sua administração, com os quaes os seus amigos querem fazer eclipsar as suas barbarescas tyrannias.

O marquez de Pombal, assim como levantava o cutello do algoz para decapar as fronteas altivas da nobreza d'estes reinos, assim manejava a penna para referendar leis que, indo locupletar os cofres de meia duzia de agiotas, levava ao mesmo tempo a miseria a uma cidade inteira.

Uma d'essas leis foi a que creou a Companhia dos Vinhos do Alto-Douro. O mais atroz despotismo pairava sobre a cidade do Porto. Para as provincias do Brazil não podia ser embarcado outro vinho que o da Companhia, por um preço tarifado, e inalteravel. No Porto e seus arredores, até á distancia de 3 leguas não se podia vender outro vinho que o da Companhia, etc., etc. Que se havia fazer ao vinho que não fosse da Companhia? Vendel-o a esta pelo preço que ella estipulasse, e d'aqui um prejuizo pasmoso dos proprietarios em beneficio da Companhia a que o marquez de Pombal, no dizer de Francisco Luiz Gomes, fez *largas concessões, e concedeu os mais absurdos privilegios*.

Uma lei, tão estupidamente decretada e tão tyrannicamente mandada observar, havia, certamente, revoltar contra si os habitantes do Porto, e assim aconteceu. Os taberneiros, que viam lesados os seus interesses, revoltaram a plebe e conseguiram sublevar-na na manhã de 23 de fevereiro de 1757. O grito do povo era:—*Viva El-rei, viva o povo, morra a Companhia.* A testa do motim achava-se um alfaiate, quatro taberneiros e um sargento. Tudo passou e tão rapidamente, que poucas horas depois, sahia a procissão de Cinza, sem que na cidade houvessem indícios do motim popular.

O marquez de Pombal aproveitou-se do pequeno motim popular, diz o sr. Pinheiro Chagas, para mais uma vez mostrar que ninguém se podia julgar seguro contra a sua temível prepotencia, que ninguém poderia eximir-se ao seu ferrenho despotismo.

E assim aconteceu. Vejamos, pela descripção que o sr. Pinheiro Chagas faz da desforra tomada por Sebastião de Carvalho, contra os pobres habitantes do Porto, e façamos d'essa descripção a

Setima pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande marquez de Pombal:

«Portanto logo no dia 23 de fevereiro de 1757 se expediu uma carta regia ao desembargador do Paço, João Pacheco Pereira de Vasconcellos, que o nomeava juiz d'uma alçada, que tinha d'ir ao Porto inquirir dos tumultos que lá tinha havido, com ordem de os punir com severidade. Como João Pacheco estava já velho, e o ministro suppunha que elle não teria a energia necessaria para a cruel missão que lhe impunha, deu-lhe Sebastião de Carvalho como adjunto o desembargador seu filho José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, em quem elle sabia que tinha um fiel executor das suas ordens, e que possuia todas as negras qualidades requeridas para tão negro encargo. Era um homem ambicioso, cruel, e devasso. Esse é que era o verdadeiro chefe da alçada, e foi elle tambem o tetrico protagonista da lugubre tragedia portuense.

Os dois desembargadores iam munidos de plenisimos poderes, e levavam para os auxiliar uma força armada consideravel, pois que, além da guarnição do Porto, que então constava de mil e duzentos homens, e de que foi nomeado commandante o coronel João d'Almada e Mello, levaram um regimento de dragões d'Aveiro, commandado pelo coronel D. Antonio Manuel de Vilhena, o regimento de infantaria do Minho, commandado pelo coronel Luiz de Mendonça Furtado, o regimento d'infantaria de Traz-os-Montes do commando do

coronel Vicente da Silva. Além de tudo isto ainda ia um destacamento de cavallaria ligeira de Chaves, dirigido pelo tenente-coronel João Pinto Rubim.

Estas tropas cercaram o Porto, não deixando entrar nem sair da cidade pessoa alguma. Em seguida entraram os officiaes da alçada, depois fizeram a sua entrada os regimentos, sendo aboletados os soldados em casa dos moradores, que eram obrigados a sustental-os, sem que lhe valcesse isenção de qualidade alguma, como se ordenára á camara municipal do Porto, pela carta regia de 10 d'abril de 1757, em que se especificava além d'isso a ordem de carregar o maior numero de boletos para os bairros d'onde tinham saído principalmente os agitadores. Os soldados e as munições das tropas deviam ser pagos por meio d'uma contribuição geral lançada sobre a cidade.

Começou logo o processo, principiando por ser desauctorado com violencia e d'um modo infamante o pobre juiz do povo, que fôra antes a primeira victima, do que cumplice na revolta. Não lhe valeu o ser notorio no Porto que os amotinados o tinham forçado a collocar-se á sua frente, mettendo-o n'uma cadeirinha, enfermo como elle allegava estar, e levando-o a casa do regedor das justicas. Chamaram pois o juiz do povo os emissarios de Carvalho, e, depois de o terem conduzido á praça, quebraram-lhe a vara na mão, arrancaram-lhe a cabelleira e esbofetearam-no com ella, singular modo d'abrir um processo! Foi depois levado ao castello de S. João da Foz, com as mãos atadas atraz das costas, atravessando assim ignominiosamente a cidade. Foram presos tambem os membros da casa dos Vinte e Quatro, e muitos homens, mulheres e até crianças do povo, ficando atalhadas de presos as cadeias da cidade, e a do castello de S. João da Foz.

Instaurou-se o processo, que durou cinco mezes, apesar das instancias de Sebastião de Carvalho, para tornar tudo o mais summario possivel. Apesar porém de todo o desejo que tivessem de o satisfazer os juizes da alçada, era impossivel que, a menos que não porgessem todas as formulas, gastassem menos tempo, visto que tinham de julgar 478 accusados, e d'ouvir 251 testemunhas. Francisco Luiz Gomes, consultando os documentos existentes no ministerio da justiça, pôde rehabilitar um pouco a memoria do presidente da alçada, tido até hoje na conta d'homem honroso, mas de servil instrumento de Carvalho, além d'isso dominado por seu filho, cujo caracter desprezível e malvados instinctos não podem de fórma alguma ser postos em duvida. Não era tanto assim; João Mascarenhas expu-

na repetidas vezes a Sebastião de Carvalho os seus escrupulos ácerca do modo pouco legal com que o grande ministro queria que o processo caminhasse.»

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos xviii e xix*, pag. 159 e 160.)

Quizemos collocar esta pedra n'este monumento para que os nossos leitores não julgassem que o ministro de El-rei D. José I só se conspirava contra os nobres, e jesuitas, mas que era todo amor paternal para o pobre povo, para o *Zé Povinho*, como hoje se diz. Quando estiver concluido o monumento, verá a presente geração e as futuras, que o homem a quem a maçonaria portugueza quer erguer monumentos tinha debaixo da sua espada tudo quanto senão curvasse selvagem, estúpido ante si.

O *Progresso Catholico*, que despreza todas as considerações da terra, que se escuda com a cruz e que tem por bandeira a mesma cruz, hade mostrar á face da historia, e da historia escripta pelos admiradores do marquez de Pombal, quem fôra o assassino do padre Malagrida, quem pesára despotico sobre um povo, quem arregoára de sangue as cidades de Portugal.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

Os eleitores do 15.º districto de Paris, impozeram ao candidato socialista que se propoz por este districto entre outras as seguintes condigões:

«Supressão de todas as ordens religiosas e ecclesiasticas.

Que se assegure a todas as creanças a instrução necessaria, scientifica e profissional, á excepção da religiosa.

Supressão da herança e da propriedade individual, o maior dos obstaculos á emancipação dos trabalhadores.»

Aqui tem os leitores do *Progresso Catholico* quaes as ideias apregoadas pelos amigos da humanidade. Em Portugal não se prégam ainda publicamente estes principios, mas vão-se ensinando sorralciramente ás creanças nas escolas, ás donzellas nos romances, ao povinho nas gazetas de 10 réis, etc., etc. E d'aqui a algum tempo, quando tiverem as massas preparadas, bem preparadas para o grande dia, facil será o realizar seus intentos aos filhos da Revolução.

Primeiro calirá a seus golpes o clero, depois serão assalladas as casas dos monetarios, e á medida que o templo fôr derrocado violar-se-ha o que de mais santo existe sobre a terra.

Sejamos francos! Vão-se aplanando os caminhos que levam ás maiores desgra-

ças que a humanidade haja de presenciar. E o alvião que aplana esses caminhos é o jornal impio, é o jornalismo portuguez, na sua maior parte.

Que tal é o melro!

Gambetta, o celebrè Gambetta, telegraphou ao sr. José Elias Garcia, eleito deputado pelo circulo 95, felicitando-o pelo exito da sua candidatura! (Diz um de dez réis).

Pobro povo! Em França já o povinho se vae desenganando a ponto de receber Mr. Gambetta com apupos quando se apresentou aos eleitores de Belleville. E' em tudo o mesmo este nosso Portugal. Quando as modas principiam a ser moda aqui já lá se usam outras; por isso quando lá se apupam os republicanos, aqui elegem-se deputados!

O catholicismo está por um fio! Não vem longo o dia em que a Revolução possa dizer, pela bocca dos seus orgãos na imprensa: — O catholicismo morreu!

Sim, meus caros leitores, não tarda esse dia, porque tudo foge para os campos contrarios, tudo vae do nosso campo *engrossar* as fileiras dos paspalhões que não querem Deus, ou querem um Deus feito por elles.

Ainda ha pouco lemos em um opusculo, recentemente publicado pela typographia de S. José em Milão, com o titulo de *A lerta catholicos*, uma lista dos mais distinctos personagens, convertidos desde os ultimos tempos, do protestantismo para a Igreja Catholica.

Na Allemanha contam-se 11 entre principes e duques, comprehendendo-se n'este numero a rainha de Baviera, mãe do soberano reinante; tambem o nome do grão-mestre das lojas prussianas—*Dachvaeden*—, e mais 40 homens de sciencias e letras, professores das Universidades, etc.

Na Inglaterra não são menos notaveis as conversões. Lêem-se allí os nomes de 50 ministros da *Egreja anglicana*, que renunciaram as suas ricas prebendas para se fazerem catholicos, como, por exemplo, o sr. Eyre Setward Barthust reitor de ksbwoth que perdeu o rendimento annual equivalente a 6:8255 da nossa moeda; 13 professores da Universidade de Oxford; 11 professores da de Cambridge; alem do Grão-mestre da maçonaria inglesa Lord Grey, marquez de Ripon, ex-vice-rei da India. Além d'isto chegam a mais de 200 os nomes de personagens illustres convertidos na primeira metade do nosso seculo e a mais de 300 os convertidos nos dois lustros seguintes, cujo exemplo tem sido seguido por tantos milhares de outros.

E por isso, para nós, é ponto decidido, que o catholicismo tende a acabar em breve prazo.

Achamos ha tempos em um jornal o seguinte, que não podemos deixar de tornar bem conhecido:

«Reina em Londres com grande intensidade a epidemia das hexigas. Um amigo do sr. Wingfield, achando-se em casa d'este seu amigo, foi atacado: seu hospede quiz transportal-o para o hospital para ser melhor tratado, e para preservar a familia do contagio, mas não poudo ser recebido por falta de logar.

Dirigiu-se a diversas associações de enfermarias leigas, mas ao saberem que se tratava de um doente varioloso, todos recusaram seus serviços. Aconselharam-n'o que se dirigisse *as religiosas* protestantes do convento de Strand.

Essa tentativa foi tambem improficua, porque a superiora admirando-se do pedido, disse que apesar de suas *santas* filhas não terem serias occupações, comtudo nenhuma queria estar em contacto com a epidemia.

Todo desconsolado voltava para sua casa o sr. Wingfield, quando um seu amigo ao enconral-o e sabedor do caso, aconselhou-o a ir ter com as *Irmãs de Caridade*.

A principio, como protestante, recusou o conselho, mas obrigado pela urgencia do caso tentou a experiencia. Foi recebido com muita amabilidade e apenas manifestou o motivo de sua ida à casa das *Irmãs*, disse logo a superiora: Coitadinho! vou já mandar à casa de V. S. duas *Irmãs*. O sr. Wingfield ficou muito comovido por tanta caridade, e conclue sua narração com estas palavras: *é bom que se saiba que não sou catholico.*»

Que me dizem os inimigos das *Irmãs de Caridade* de um rasgo de abnegação como este?

Não dizem nada, bem sabemos; mas é bom que notem que este despreendimento da propria vida só se encontra nas filhas da caridade christã, nas filhas d'essa religião sublime que teve por fundador o Homem-Deus e que tem ainda hoje por mestres o Papa e os bispos por Elle confirmados.

Salve! Irmãs da Caridade!

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

A MEU PAE

(NO CEMITERIO)

I

Tu hontem me dizias:—«Não vês a minha sina? Ai! soffro n'este leito! Bem sei que vou morrer!»

E dormes! Descança do longo tormento na fria mudez!
Não tarda que eu volte p'ro triste aposento... não tarda, talvez!

Ai! dize:—«Não chores que a vida termina na paz do Senhor!

«Eu quero pedir-te que lembres na sina meu pranto de dôr!...»

«Talvez que me sinta contente e sandoso na patria d'além; que a benção, meu filho, te faça ditoso no mundo tambem!...»

E dormes! Descança do longo tormento na fria mudez!

Não tarda que eu volte p'ro triste aposento... não tarda, talvez!

II

Sou orphão! Tenho n'alma a dôr e a tristeza envolta n'estes ais, que solta o coração! Deixae que o meu chorar, nas vozes da pareza, me traga á tua paz, ao ermo, á solidão!

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO VI

As catacumbas

(Continuação)

—Por que é, Diogenes, que tu ha alguns dias a esta parte augmentas tanto o numero dos *loculi* n'esta galeria? Suppões acaso que teremos de enterrar em breve grande numero de nossos irmãos?

—Padre, consta-me que circulam em Roma boatos sinistros. Vós sabeis de sobra que está imminente una perseguição terrivel.

—Não creio que Domiciano queira já perseguir-nos.

—Eu desconheço inteiramente as intenções do Domiciano; estou convencidissimo, porém, que nos proximos jogos Roma pedirá a gritto ferido a morte dos christãos. Tenho quasi a certeza, meu Padre, que meu trabalho será insufficientissimo á obra de seu furôr, e receio bem que as victimas sejam muito mais numerosas do que os sepulchros que lhes preparo.

—Diogenes, o Senhor recompensará tua caridade. E' tempo de orar, e eu vou presidir á reunião dos fieis; recomendar-lhes-hei que peçam a Deus por ti.

—Deus recompense tambem a vossa, meu Padre, disse o coveiro inclinándose para receber a benção do sacerdote.

E de novo começou a trabalhar, e Clomente foi proseguindo internándose mais e mais na longa e escura galeria. A' proporção, porém, que ia andando foi encontrando diversas cryptas, cujos altares se erigiam sobre os

corpos dos martyres, e ante ellos se ajoelhava para reverenciar suas reliquias e implorar sua intercessão. Depois de muitas voltas e torcicollos penetrou n'uma especie de sala, chamada *cubiculum*, onde ardiam varias lampadas e onde já estava reunido um numero consideravel de fieis.

Ao fundo d'este *cubiculum*, o sepulchro d'algun martyr, sobreposta uma louza de marmore, servia de altar para o Santo Sacrificio; á direita ficava o *presbyterium*, cadeira episcopal, d'onde o Bispo, rodeado dos Presbyteros e Diaconos costumava dirigir a palavra á congregação dos fieis. Finalmente a um canto da crypta via-se collocada uma poltrona de pedra inteiriça, e era n'ella que os Sacerdotes se assentavam para ouvirem de confissão a todos os que, em presença de seus irmãos, se chegavam para purificar suas almas, e não poucas vezes d'alli eram levados para o tribunal ou para o cadafalso.

Por sobre a pedra sepulchral, que formava o altar estendia-se uma toalha, tinta de sangue dos martyres da ultima perseguição: era um dos lençoes mortuarios em que os christãos envolviam os restos das victimas, e que conservavam cuidadosa e religiosamente, a fim de que a sua unica inspecção contribuisse para infundir-lhes o necessario valor. E poderiam elles deixar de experimentar uma força sobrehumana vendo estas sagradas reliquias, que attestavam a fé e o heroismo de seus irmãos? Perto do altar viam-se tambem todos os instrumentos do supplicio, chamados *fidicula*, com que os verdugos haviam esartejado os corpos dos martyres.

Na contemplação e exame d'estes ensanguentados instrumentos, os fieis recordavam-se ao mesmo tempo dos nomes dos que haviam succumbido, feridos e decepados por elles, e diziam animados por um santo valor e cheios de uma invencivel coragem:

— Assim em breve morrerei ou talvez.

Clemente ajoelhou-se um pouco de tempo ante o altar, depois deu o signal, e immediatamente resoaram os canticos sagrados. Os homens, collocados todos a um lado, começaram a entoar os psalms; as mulheres do outro e por seu turno respondiam a elles em cadencias alternadas. Concluido o canto, o sacerdote tomou a palavra e fallou-lhes assim:

«Irmãos: agora mais que nunca urge fortalecer nossos corações. Nossos inimigos, que são os inimigos de Christo, intentam perseguir-nos, e tudo me leva a crêr e indica, que essa perseguição ha de ser terrivel. Não contentes com haver-nos reduzido a estes escuros carceres, querem, forcejam fa-

zer-nos morrer, a vêr se conseguem e realisar riscar e apagar para sempre o nome do christão. Não percamos, porém, a esperança; Deus é conosco, e já sabemos que não ha de permittir que sua obra pereça ás mãos dos infelizes escravos de Satanaz. Confiamos no auxilio dos Santos, cujos corpos repousam aqui, qual filas de um exercito victorioso. Sim: suas reliquias sagradas defender-nos-hão, e suas preces farão descer sobre nós, lá do alto dos céos, as bençãos de Deus. No meio dos perigos que nos ameaçam, recordemo-nos do valor dos martyres e imitemos-os: se a adversidade vier, elles estarão alli na hora do combate, para ajudar-nos a triumphar. Por mais cruéis que forem nossos perseguidores, nunca os maldigamos, nem lhe desejamos mal; ao contrario, roguemos a Deus por elles. Aquelle que do alto da Cruz orou por seus verdugos, deu-nos o exemplo da caridade, e culpados seriamos se não o imitássemos. E de quemis, que poderão elles fazer contra nós? Não é a morte o principio da vida? Não é o martyrio o atalho para a felicidade eterna? O' palma gloriosa, suspensa sobre nossas cabeças, quando teremos a dita de receber-te!

«Meu coração nutre esperanças de conquistar-te, ó palma sagrada! Sinto, é verdade, faltar-me as forças sob o peso dos annos; mas não quero morrer senão como morrem os valorosos soldados de Christo. Meu Deus, se eu não tenho feito por merecer esta honra, Vós m'a podeis conceder sem mesmo eu a ter merecido.»

Ditas estas palavras, calou-se e enxugou as lagrimas que lhe assomaram aos olhos. Depois continuou:

«Recommendo-vos, irmãos meus, recommendo ás vossas orações um joven nobre romano que é tambem christão mas não o sabe; porque recebeu o Baptismo, ainda muito novo, por vontade de seu pae, que morreu em defeza da fé no tempo de Nero. Elle está bem disposto; affianço-vol-o, porque tive occasião de averigual-o: vossas orações completarão a obra da graça.»

«Orai, orai por elle.»

«Devo tambem recommendar-vos que roreis pelo nosso irmão Diogenes, o coveiro. Quanto não devemos nós á sua caridade e paciencia! Tobias da lei nova, sepulta-se em vida com os defunctos, e na sombria escuridão dos tumulos prepara aos nossos corpos o unico lugar de descanso, que poderão ter n'este mundo até que resuscitemos com Christo. Hoje fui encontral-o no seu arduo trabalho, e edificado pelo seu fervor lhe prometti o auxilio das vossas preces; e elle, como é humilde, agradeceu, todo debulhado em la-

grimas. Pedi a Deus nos conserve este bom irmão, tão util e exemplar, e lhe dê a força e consolação, que necessita.

«Irmãos, é tempo de fallar pouco e de orar muito, e prepararmo-nos para o combate, praticando todas as virtudes e boas obras.»

Assim terminou o sacerdote, e em toda a reunião reinou por algum tempo profundo silencio e recolhimento. Todos se ajoelharam para pedir a Deus pela conversão de seu irmão desconhecido, e pelo humilde coveiro. Nenhum deixou tambem de pedir a Deus a graça de morrer como verdadeiro soldado de Jesus Christo, se chegasse a ser denunciado e condemnado ao supplicio.

Depois foram-se retirando silenciosos uns após outros e por diferentes caminhos para não dar no olho aos pagãos.

Os christãos, que se reuniram n'aquella noite nas catacumbas, pareciam pertencer todos á mesma condição social. Eram em grande parte artistas, que viviam do trabalho de suas mãos. Examinando-os attentamente poder-se-hia suspeitar, quando muito, que um ou outro occupava lugares elevados; estes, porém, eram em mui pequeno numero, e por isso este exame era difficilimo, mesmo porque todos vestiam com tal modestia e simplicidade, que só por o seu aspecto exterior era impossivel descobrir as distincções sociaes.

N'aquella noite, todavia, a um delator não seria muito custoso reconhecer, confundidas e mescladas entre os demais, duas pessoas de distincção, uma no grupo dos homens, outra no das mulheres. Bastava seu aspecto donairoso para os denunciar, embora os seus traços fossem vulgares na forma e na qualidade do tecido; e mesmo as atencções, que lhes prestavam, embora muito dissimuladas, podiam, não obstante, perceber-se, e isto era o sufficiente para confirmar bem depressa a suspeita de que pertenciam á alta sociedade romana.

E effectivamente, n'esta noite, deu-se o caso de entrar d'envolta com a turba para o *cubiculum* um homem, que nunca deixou de dirigir suas vistas ora para um, ora para outro d'estes personagens, nem nunca os perdeu de vista ao sair das catacumbas. Procurou e escolheu, pois, de proposito um lugar apertado e estreito por onde elles haviam necessariamente de passar; e como se viessem aproximando, e um homem o precedesse com uma véla na mão, graças a um raio da luz, o delator pôde fixar suas traçoceiras vistas no semblante dos dous personagens. Conseguiu conhecê-los, e murmurou com intima satisfação estas palavras:

— Oh! Auspicio e Domicilla!

Depois confundiu-se com os christãos

que sahiam, e seguiu silencioso por muito tempo o mesmo caminho, que tinham tomado alguns ao sahir das catacumbas; logo porém, que entraram na cidade, apartou-se d'elles a occultas, mettendo-se por solitarios e tortuosos bêccos.

(Continúa).

Secção Artistica

O meu pensar ácerca das artes portuguezas no seculo XIX?

(Continuação)

IV

A indiferença dos governos deve tambem, a meu ver, considerar-se uma das causas mais capitaes da decadencia das nossas artes no presente seculo.

Violentos foram os abalos que o paiz soffreu, primeiro que podesse consolidar a sua nova *constituição*, transformou-se completamente; é, comquanto os governos, alcançada a paz, procurassem sanar todos os seus males, providenciando ácerca de todos os ramos de administração publica, comtudo as artes só em 1836 mereceram a sua attenção.

Foram n'esse anno fundadas as Academias de Bellas Artes em Lisboa e Porto, que ainda hoje se conservam, as quaes, sem duvida, muitos e muitos beneficios tem prestado, mas não tantos como era para desejar.

Não basta só fundar Academias e dotal-as, muito embora, com quantias razoaveis; é necessario, para que ellas possam corresponder cabalmente ao fim a que são destinadas, que possuam um corpo docente devidamente habilitado e remunerado; um methodo d'ensino perfeito, e não só theorico mas tambem practico; museus para que o mesmo ensino se torne agradável e proveitoso; e, finalmente, que, á semilhança das Academias estrangeiras, não sejam admittidos n'ellas alumnos sem que tenham já estudado um curso preparatorio, accommodado á carreira artistica a que se destinam (1).

Para a frequencia de todos os cursos superiores do paiz exigem-se maior ou menor numero de habilitações, e os das Academias não devem ser excepção; por quanto, sem o estudo da historia religiosa e civil dos povos, tanto antigos

como modernos, e ainda mui principalmente da historia das artes, sem o estudo das sciencias naturaes, e até mesmo das linguas, não posso conceber que um artista seja digno de tal nome; e demais, a experiencia vem em meu apoio.

Muitos alumnos das duas Academias, alias de muita aptidão, commettiam, ainda não ha muito, graves erros historicos e archeologicos nas provas que apresentavam nos seus exames ou concursos para irem frequentar as Academias estrangeiras.

Disse que as dotações, feitas pelos governos, foram *razoaveis*; mas devo notar, que só foram durante alguns annos; porque, a titulo de economia, começaram a cerceal-as, e hoje póde dizer-se, que tudo, ou quasi tudo, que existe nas Academias, é mesquinho.

Com effeito mesquinhas são as suas dotações; mesquinhas as retribuições aos seus professores; *quasi todos substitutos*; mesquinha a frequencia de alumnos; e, finalmente, até mesmo são mesquinhos os edificios, em que se encontram estabelecidas; os quaes, causando pasmo e riso aos estrangeiros, são uma vergonha para o paiz.

Ha dias annunciaram os jornaes da capital, que o sr. ministro do reino offeciara ao director da Academia de Lisboa, participando que o commandante e officialidade d'uma fragata italiana, surta no Tejo, ia em breve visitar aquelle estabelecimento, pelo que ordenava, que estivesse dignamente preparado para receber a honrosa visita dos filhos do classico paiz das artes—a Italia—; e com graça, diziam, que uma visita de qualquer personagem é alli sempre causa de grande movimento e incommodo para o pessoal, que busca e forja meios d'occultar os defeitos do edificio.

Está estabelecida no antigo convento de S. Francisco, um dos maiores de Lisboa, e que nunca chegou a concluir-se. A sua construcção é pesadissima, e destituida de todas as riquezas architectonicas; possui grossas paredes e abobadas mui baixas, estreitos corredores e salas, que abrangem o antigo espaço de duas ou tres cellas, e uma frontaria com as suas janellinhas, á semilhança d'um pombo, muito inferior ás da maior parte das casas de habitação.

Contos e contos de reis têm sido consumidos em modificar e apropriar semelhante edificio, mas pouco tem melhorado, o que não admira, se attendermos aos nossos velhos riffsões:—*Quem virto nasce nunca se indirovita.—Cada qual para o que nasceu.*

No seu andar superior encontra-se a nossa mais importante bibliotheca—*A Bibliotheca Nacional* quasi toda formada das livrarias das ordens religiosas, que lograram escapar á destruição geral, e

está tão bem alojada, como a sua vizinha—*a Academia.*

A humidade e a traça incumbem-se, a pouco e pouco, de arruinar os seus livros, os quaes, por isso, vão sendo postos em leilão, e passando, medeante o *classico palaco*, a enriquecer as livrarias dos nossos *archeologicos alfarrabistas.*

Pelos esforços de muitos artistas, que devéras se dedicam á causa das artes, deliberou-se o governo a estabelecer na Academia uma galeria de pintura, cuja necessidade era de ha muito bem patente.

Foi ella, em grande parte, formada dos quadros já existentes dos conventos, dos offerlados por alguns artistas nacionaes e estrangeiros, e ainda d'alguns que foram comprados por preços *pouco convidativos.*

Em breve, porém, se reconheceu que a galeria, estabelecida em semelhante edificio, longe de conservar incolumes as preciosidades que encerrava, antes concorria, e não mui lentamente, para a sua destruição.

Todos os artistas redobraram os seus esforços para evitar semelhante mal; e, ao cabo d'alguns annos, conseguiram, que o governo alugasse o palacio do exc.^{mo} snr. Marquez de Pombal, sito nas Janellas Verdes, no qual residiu por alguns annos Sua Magestade a Imperatriz do Brazil, viuva do snr. D. Pedro IV, para onde vae ser mudada, do mesmo modo que o museu, ultimamente, fundado na Academia.

Começaram já as obras indispensaveis, as quaes devem estar concluidas brevemente; porque n'aquelle mesmo palacio deve ter logar a annunciada exposição d'Artes Portuguezas e Hespanholas.

As condições, com que o governo o alugou, durante alguns annos, são, segundo me consta, muito onerosas; e, sem duvida, era muito mais para desejar, que, fazendo um pequeno sacrificio (*gastu tanto dinheiro em cousas inúteis!*) levantasse um edificio apropriado onde estabelecesse a Academia com todas as suas dependencias, e um edificio digno d'uma cidade, como Lisboa, que é a rainha da Peninsula e do *Oceano*; e que, em breve, com a abertura da linha ferrea da Beira, que é internacional, vae ser o primeiro *hotel* da Europa.

Poucos são os edificios, que n'ella se encontram, assim como em todas as mais cidades do paiz, que, expressamente, foram construidos para os fins a que hoje são destinados; nada mais temos feito do que transformar os velhos conventos para n'elles estabelecer lyceus, seminarios, academias, asylos, hospitaes, cadeias, administrações, camaras, tribunacs, quartéis... em summa todas as repartições publicas, tanto eccl-

(1) Para a admissão á matricula das duas Academias apenas se estatuo o *exame de instrução primaria!*—Ha poucos annos porém, procurou-se remedear a falta d'instrução theorica dos alumnos, fundando nas mesmas Academias, com desnecessario encargo do *thesouro*, as cadeiras de anatomia, historia e chorographia, historia de Portugal, da Grecia e Roma, etc.—que todos os alumnos são obrigados a frequentar durante os varios annos dos seus cursos.

siasticas, como civis e militares!—Se os frades não tivessem acabado...

Temos alem das duas Academias os Institutos Industriaes de Lisboa e Porto, as aulas de Desenho Mathematico e Philosophico annexas ás Faculdades de Mathematica e Philosophia da Universidade, as das escolas Polytechnicas de Lisboa e Porto, e as de todos os lyceus, onde officialmente é ministrado um pratico e rudimentar ensino das artes, mas insufficientissimo.

A' similhaça do ensino primario e secundario, o ensino das artes tem soffrido bastantes reformas, sem que contudo, tenha melhorado, como era para desejar.

Braga, Agosto de 1881.

(Continúa).

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Retrospecto da quinzena

Para contradizer as noticias que o telegrapho liberalista transmittira ha pouco de que o estado de saude de S. Santidade Leão XIII se havia agravado espantosamente, podemos dizer aos nossos leitores que presentemente, louvores a Deus, a saude de Nosso Santissimo Padre é a melhor possivel.

Os jornaes que recebemos do estrangeiro dão-nos detalhadas noticias do conciliabulo celebrado em Roma no dia 7 d'agosto para protestar contra a lei das garantias.

O atheismo, a maçonaria e os que teem occupado os presidios do estado lá estavam para receber as felicitações de Luiz Blanc e Victor Hugo. Foi dada a presidencia a Petroni, gran-mestre da maçonaria romana. Concorreram a esta canibalesca reunião perto de duas mil pessoas, ao passo que na noite de 13 de julho, para acompanhar os restos mortaes de Pio IX, o GRANDE se juntaram CEM MIL PESSOAS!!

E não admira que a concorrência fosse pequena, porque os *italianissimos* tiveram medo ante as precauções bellicas tomadas pelo governo, que, não tendo uma companhia de soldados para impedir os attentados da noite de 13 de julho, mandou agora reforçar a guarnição de Roma com as tropas de Civita-Vecchia e dos arredores, conservando-as todas em armas. E' que os attentados da noite de 13 não podiam desagradar aos invasores e occupadores de Roma, ao passo que a reunião do dia 7 d'agosto ia pedir ao governo o cumprimento dos tratados feitos com a Revolução:—o aniquilamento completo do Papado.

Todavia as blasphemias eccoaram em meio da turba sedenta de sangue. Um disse que a missão historica da Italia é destruir o Papado, outro, que era for-

oso tomar conta do Vaticano. Houve quem pronunciasse as maiores vilanias contra os cardeaes e contra o Papa, chamando-lhe louco!

Quando se principiou a ler a ordem do dia e ao chegar ao ponto em que se ordenava a occupação dos Palacios Apostolicos, um delegado do Governo dissolveu a reunião.

Seguiu-se depois o insulto a Pio IX, á memoria do Grande, do Immortal, do Santo Pontifice, nas columnas dos jornaes revolucionarios, chegando a dizer um d'elles «La Lega della Democrazia» que Pio IX fóra a primeira bailarina com habitos pontificaes!

No dia 14 em Genova queriam os inimigos do Papa celebrar outra reunião com o fim tambem de pedir a abolição das garantias. Foi tambem dissolvida, porque além do odio ao Papa, queriam tambem involver no mesmo odio o filho de Victor Manoel, sendo o que mais se pronunciava contra elle, o genro de Garibaldi, Canzio, que recebe do rei uma boa somma.

Vê-se que Deus prepara as cousas de modo que os inimigos do Papa sejam castigados pelos mesmos que os ajudaram a levar a effeito o inaudito attentado da occupação de Roma. Para acompanhar os acontecimentos, que em breve se vão seguir em Roma, não é mau compulsar a *Historia de Pio IX*, que anda publicando o editor do *Progresso Catholico*, para se saber como a occupação se effectuara e quem levou Victor Manoel a commetter tão sacrilego attentado.

O *Figaro*, de Paris, fallando da lei das garantias diz: «Como pode estar a cobertura da lei das garantias o Papa e o rei Humberto se não o estiveram as egrejas, os conventos, as imagens, as devoções dos fleis, etc., etc., etc.? E dizem, a tudo hade chegar a sua vez. Mas o reino de Italia findará e o Papado continuará a assombrar o mundo e a cobrir de benções os seus inimigos.

Já que estamos na Italia não deixaremos de mencionar o que um jornal nos narra.

«São muitos em Italia os conventos de freiras despojados dos seus haveres pela Revolução. As pobres monjas morreriam de fome se a caridade dos fleis não fosse inesgotavel.

«Vimos uma carta escripta pela superiora de um dos conventos em que diz que a Comunidade recebe apenas do estado 800 réis por dia em troca do que lhe tiraram!!»

Que miseria! que atrocidade!

Deixar morrer de fome quem tinha o bastante para si e para os pobres que se encostavam á porta do convento!

E não hade pagar a Revolução!

Ao passo que na Italia correm as cou-

ras como se vê das noticias que deixamos mencionadas, nos de mais paizes da Europa parece soprar melhores ventos a favor da Egreja.

Dizia-se que a visita feita pelo imperador da Austria aos soberanos allemães tem uma grande importancia, e acrescenta-se que durante as conferencias havidas entre os dois grandes potentados se fallara largamente de Leão XIII.

Na Allemanha tem sido menor a perseguição ha um tempo a esta parte, e tanto que Sua Santidade pôde nomear Pastor para a egreja de Tréveris, cahindo a nomeação em Monsenhor Korun, ha pouco consagrado em Roma. Monsenhor Korun estudou no collegio dos jesuitas de Inspruck, onde recebeu o grau de doutor em theologia.

Muitas parochias que se achavam vagas já foram preenchidas de pastores e ultimamente o ministro dos Cultos consentiu que as Irmãs de Caridade de Xei-ligenstadk abrissem uma escola.

E' tambem certo que o ministro do Interior ordenou a todas as auctoridades que não suscitem obstaculos ás procições para o jubileu.

Monsenhor Dupont, bispo de Metz confirmou trezentos soldados do exercito allemão que, por causa das leis de maio, não haviam podido receber os sacramentos.

Em vista do telegramma que o imperador Guilherme enviou a Sua Santidade no dia do santo do seu nome, pôde julgar-se terminada a perseguição feita aos catholicos na Allemanha.

Da Russia sabemos que o conde Ignatieff permittiu que a ultima Encyclica do Papa fosse publicada e lida em todas as egrejas do imperio e no idioma de cada provincia. Deve notar-se que ha dezeseite annos que se não permittia a publicação de documento algum emanado da Santa Sé.

Se sairmos fóra da Europa, e formos a paizes onde vivem os filhos de Mahomet, encontraremos em Tunis o Bey a confiar o filho a mestres religiosos, dando aos bispos tropas para acompanharem os missionarios. O Pachá de Tripoli dispensa os maiores favores ás Irmãs de Caridade, recebendo-as no seu palacio em audiencia solemne, contra todas as leis mussulmanas, patenteando-lhes os maiores elogios e affectos.

Vê-se que os reis e os governos da Europa, e catholicos carecem de lições dadas pelos protestantes, scismaticos, mahometanos, etc., etc., etc.

Foi imponente a peregrinação que no dia 28 de agosto fizeram os marchantes e outras classes de Braga á Virgem do Sameiro.

Admiramos os nossos vizinhos braccenses que fazem chegar ao cimo da montanha milhares de pessoas, e cali-

rem de joelhos ante a Imagem d'Aquella que tudo cobre com a luz da sua graça.

Os canticos de festival alegria ecoaram n'aquelle sitio outr'ora deserto e as offeras valiosas são depostas no altar da Virgem Immaculada.

No dia 4 do corrente teve logar a peregrinação dos povos de 4 freguezias do concelho de Guimarães que levaram com as preces de seus corações algumas offeras á Rainha das Virgens.

Já não é esta a primeira peregrinação que o povo de Guimarães faz á montanha do Sameiro; mesmo da cidade algumas se tem feito, com o que nos congratulamos, nós que somos catholicos porque conhecemos o quanto concorrerão para a regeneração da sociedade actual estas manifestações dos sentimentos religiosos do nosso povo. Animadas, pois, quer estas tenham por norte o Sameiro ou qualquer outro sitio ou sanctuario catholico, é dever de todos nós os que na imprensa defendemos os sacrosantos principios ensinados por Jesus Christo e pelo seu Vigario na terra, o Papa.

Parece que em breve haverá em Roma uma grande reunião de bispos para tratarem da canonisação do chorado Pontifice Pio IX, o Grande, e que por essa occasião será assignado um grande protesto contra os ultimos attentos e uma exposição do estado em que se acha a Igreja na Italia.

Diz-se tambem que o Santo Padre, considerando que os inapreciaveis thesouros accumulados, desde seculos, no Vaticano, são patrimonio de todas as nações catholicas, determinou para prevenir qualquer eventualidade, formar inventario completo e detalhado de todos elles, enviando copia d'este inventario a todos os governos.

Da Irlanda, onde se acha actualmente o redactor principal d'esta folha, recebemos a seguinte:

«DECLARAÇÃO

Constando-me que o Rev.º Sr. Padre Chryspim respondeu a umas observações que fiz a uma critica sua do livro intitulado — Symbolo — do Padre Lambert, devo declarar que ainda não respondi á resposta de S. Rev.ª, porque estou longe de Portugal e ainda não pude havel-a ás mãos. Já pedi que m'a enviassem e logo que me chegue dar-me-hei pressa de contrapor as minhas modestas reflexões á resposta do meu amigo Padre Chryspim, se esta o exigir.

P.º Senna Freitas.»

Ha muito que nos propozemos fallar de uma instituição tão sympathica quan-

to humanitaria e sempre a faltar-nos o tempo, sempre a desaparecer nos o espaço. Hoje vamos satisfazer o encargo que a nós fizemos, ainda que roubemos o tempo e o espaço destinado a outros assumptos.

Queremos e vamos fallar da Associação de Caridade, de Vianna do Alentejo. Receberamos o Relatorio e contas respeitantes ao anno de 1881 e ficamos, digamol-o com franqueza, ficamos encantados e sobre modo commovidos ao ler o estado prospero d'este estabelecimento de caridade.

Tem a seu cargo a Associação de Caridade, de que nos occupamos, o visitar em seu domicilio os doentes pobres; ministrar, em sua bibliotheca, leituras amenas e de sã moral; instruir moral e religiosamente as classes pobres; promover o culto da augusta religião, e recolher no albergue infantil creanças abandonadas, sendo o numero das recolhidas durante o anno 3951. Tem além de tudo isto um asylo para creanças orphãs, do sexo feminino, o numero das quaes se eleva a 12.

Para uma terra como Vianna do Alentejo, possuir um estabelecimento como não tem terras muito maiores, é um monumento que bem merece os emboaras de todos os catholicos, o concurso de todos os portuguezes e a boa vontade de todos os habitantes d'aquella terra.

Que Deus faça chover suas graças sobre quem concorre para a sustentação de tão util instituto é o que nós pedimos e não deixaremos sempre de pedir.

Ainda ha quem creia em milagres n'este seculo de luzes apagadas! Nós que as vemos apagadas cremos n'elles e apontamol-os por isso.

Ha dias fizera-se n'esta cidade uma procissão de penitencia para implorar de Deus que a chuva viesse pôr cobro aos males que causava o intenso calor. A procissão sahio da igreja dos frades Jeronymos, na Costa e acompanhavam, n'essa procissão, a imagem do Senhor Crucificado mais de 5 mil pessoas. De manhã tudo indicava a continuação do intenso calor e do bello tempo. Haviam-se dissipado completamente uns leves signaes de mudança no tempo, que dias antes se observavam. Apesar de tudo isto, logo que a imagem de Jesus sahio da igreja da Costa, principiou a nublarse a atmospheria, e quando a imponente procissão chegava ás portas da igreja de S. Francisco, onde se recolheu, chovia copiosamente. Foi milagre ou capricho da natureza?

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

A
PIO IX, O GRANDE
II

Como veem os nossos leitores, vae publicado nas primeiras paginas do presente numero o protesto que a commissão promotora do monumento ao Grande Pontifice dirigiu a Sua Santidade Leão XIII, e no qual leva ao conhecimento do Pae commum dos fleis a grande ideia que, de uma maneira prodigiosa, vae creando adeptos por todo o reino.

Estão já formadas commissões filiaes em varias terras do paiz. No Porto é composta dos seguintes cavalheiros:

Ex.º Sr. Conde de Samodães;
Monsenhor Antonio d'Azevedo Couto;
João Francisco de Moraes.

Tomaram a presidencia ou encarregaram-se da formação de commissões: Em Coimbra S. Ex.ª Rev.ª Monsenhor Luiz Maria da Silva Ramos.

Em Caminha, o Rev.º padre Francisco Sanches.

Na Covilhã, o Rev.º padre José da Costa e Oliveira Pinto.

Em Celorico de Basto, o Ex.º dr. Francisco Osorio d'Aragão Teix.ª Alpoim.

Em Moimenta da Beira, o Rev.º Arcipreste José Manoel Ribeiro Botelho.

Em Elvas, o Ex.º desembargador Prior Adolpho Augusto Caldeira.

A commissão aguarda as adhesões dos cavalheiros a quem tem mandado convites, e continua a enviar mais.

SUBSCRIPÇÃO:

Transporte do n.º anterior	300\$750
Do Revd.º Abade Joaquim Augusto Pedroza.....	4\$500
Do Revd.º Commendador Joaquim José da Costa Guimarães.....	4\$500
Somma....	309\$750

O Novo Mensageiro do Coração de Jesus, em seu n.º 6, pertencente ao mez de setembro diz o seguinte:

«Monumento a Pio IX:—Segundo prevenimos na capa do fasciculo passado já se nomeou a commissão para promover o monumento ao Grande Pontifice da Immaculada, na Penha, junto a Guimarães. Ficou presidida pelo dignissimo Arcipreste d'aquella cidade. Como promettemos, fica desde já aberta n'este logar a subscripção para tão piedoso fim, que as circumstancias actuaes de Roma tornam ainda mais importante. Aceita-se qualquer quantia por pequena que seja.

O Novo Mensageiro, por si e por um bemfeitor..... 13\$500

E' de esperar que a imprensa catholica do paiz siga o exemplo dado por este nosso collega.